
O DILEMA DAS MULHERES

DIVORCIADAS NO AMBIENTE

ECLESIAÍSTICO BRASILEIRO

SAMUEL COSTA DA SILVA*

LÚCIO DE BRITO CASTELO BRANCO**

VALÉRIA MARIA BARRETO MOTTA DOS SANTOS***

ELIZABETH MACHADO****

Resumo: a mulher evangélica separada enfrenta as tensões próprias da ruptura de um casamento. Após a separação, a igreja antes acolhedora tende a tornar-se um ambiente excludente para elas. A compreensão dos conflitos que envolvem a mulher evangélica divorciada em um ambiente eclesiástico poderá explicar em parte o dilema da rejeição absurda e inesperada em um espaço de comunhão e respeito.

Palavras-chave: *violência, divórcio, Igreja*

O cotidiano das mulheres divorciadas é, como para todos os semelhantes, o repositório de relações sociais e interações comunicativas plurais, porém, adquire no espaço eclesiástico evangélico uma conotação singular exponenciada por expectativas de tolerância, apoio e perspectivas de integração consubstanciada no compartilhamento equânime da fé. Este é o contexto constitutivo do cenário desta pesquisa, no qual o cristianismo redefine um espaço que transcende os limites da esfera privada rompida. Ao transcender a vida privada, o cristianismo também supera a vida pública profana e abre um caminho de intercomunicação simbólica com base em imperativos categóricos, coletivamente compartilhados.

- O processo de desintegração familiar atinge todos os lares, mas, de forma mais contundente, as famílias desestruturadas pela separação dos cônjuges. As relações rompidas ocorrem tanto no âmbito das famílias pseudo-estruturadas, quanto naquelas efetivamente desestruturadas. Ambas as situações atingem os filhos e demais membros da família, em maior ou menor grau. Observe-se, porém, que as famílias nucleares constituídas para salvar as aparências podem exercer um papel de bomba relógio na psique de seus integrantes, cujas conseqüências são imponderáveis.
- O advento da pós-modernidade globaliza os conflitos e tensões de toda ordem e, concomitantemente, provoca a intensificação, em escala planetária, de um processo de fragmentação do sujeito submetido à virtualização da ação social. A crise dos valores, o reencantamento politeísta do mundo e a sensação de impotência global representam as principais alavancas de um estado de anomia em tempo real.
- O império do divórcio não contempla soluções para os problemas inerentes à vida social, apenas homologa uma situação de impasse. É uma espécie de salvaguarda legal da integridade da família, malgrado o seu desmembramento, pois tem a finalidade de preservar a integridade da mulher, na quase totalidade dos casos de conflitos irreconciliáveis.
- Tanto Souza quanto Cano analisam o crescente número de divórcios no Brasil e suas conseqüências para a família.

Em 1984, registraram-se no Brasil 30.847 sentenças de divórcio em primeira instância, 56% das quais envolvendo filhos menores, e, em 1994, estes números já estavam na ordem de 98.766 divórcios, 65% envolvendo menores. No entanto, apesar desses índices, as pesquisas brasileiras são raras, principalmente aquelas que descrevem a experiência dos próprios filhos (SOUZA, 2000, p. 204).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE], 2007) mostram que os números de divórcio e separações ocorridos no Brasil, entre os anos de 1993 e 2003, cresceram 44% e 17,8%, respectivamente. Já no período entre 2004 e 2005, as separações judiciais aumentaram 7,4%, mantendo um crescimento gradativo (CANO, 2009, p. 214).

Todas as famílias, inclusive as cristãs protestantes ou evangélicas, enfrentam o espectro da separação conjugal. As igrejas protestantes têm enfrentado dificuldades teóricas e doutrinárias na condução do ministério das famílias. Cabe-lhes, efetivamente, assumir a sua tarefa de garantir lugar a todas as famílias, sem qualquer distinção. A tolerância e a compaixão são condições essenciais à inclusão amorosa das mulheres separadas em um espaço pedagógico de comunhão e louvor, sem complacência ou cumplicidade com a tentação do preconceito anticristão.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A amostra tem caráter aleatório e as entrevistas foram feitas mediante questionários estruturados e semi-estruturados, segundo os critérios da pesquisa participativa direta. Todos os nomes das entrevistadas são fictícios.

O objetivo desta pesquisa considerou: compreender as singularidades da participação das mulheres separadas no contexto da convivência eclesial; responder em que medida se dá a integração das mulheres divorciadas nas igrejas evangélicas em Londrina e em Brasília.

Em Brasília, foram entrevistadas 16 mulheres que não se casaram novamente e estavam divorciadas, em média, há 8 anos. Em Londrina, foram entrevistadas 15 mulheres, das quais algumas casaram-se novamente. Portanto, foram ouvidas 31 mulheres que se separaram judicialmente e freqüentam assiduamente igrejas evangélicas históricas.

As famílias de mulheres evangélicas divorciadas apresentam a mesma funcionalidade das demais famílias e, apesar de todas as dificuldades que lhes são peculiares, mantêm o princípio de autoridade e cultivam os valores cristãos com igual eficácia.

AS DIFICULDADES DAS MULHERES EVANGÉLICAS DESCASADAS

Os problemas mais comuns observados referem-se: ao preconceito; às injunções financeiras; à maior consciência do espaço de liberdade;

aos tabus sociais; à demonização desta mulher tratando-a como um “perigo iminente”; à sua auto-imagem após a ruptura do casamento; à vida comum na igreja.

Preconceito

Para 31,25% das entrevistadas é perceptível o preconceito de algumas pessoas na igreja. O preconceito não é atribuído à liderança da igreja, mas aos membros em geral. Contudo, manifestam o desejo de continuarem na igreja.

Preconceito é uma palavra muito forte, mas não temos espaço à parte. A igreja ainda não reconhece o espaço das descasadas. Os sermões giram em torno de casal e de família. Há certa posição de destaque para o casado, como se só ele fosse equilibrado (Entrevista concedida por Elenice).

Elenice afirma que a mulher descasada não tem espaço na igreja e toda a dinâmica da igreja é excludente e a desqualifica. Os sermões, os retiros, as programações semanais são sempre destinados às famílias das ditas bem estruturadas.

Para algumas entrevistadas, o preconceito na igreja decorre do medo de uma eventual concorrência com as demais mulheres, na qual levariam vantagem competitiva por sua pretensa maior experiência e liberdade. Desse modo, seriam uma ameaça a outros casamentos, sem dúvida, devido à sua vulnerabilidade efetiva. Apesar de serem alvo de preconceito, todas as entrevistadas continuam a conviver com a igreja, pois entendem que a fé transcende as opiniões, crenças e maledicências de pessoas inseguras.

Finanças

Os abalos financeiros são de grande impacto para as mulheres que assumem a plena responsabilidade da família.

A sociedade cobra determinados padrões de vida; eu mudei minha

maneira de viver completamente, primeiro por causa das dívidas que o meu ex-marido deixou para eu pagar e se eu quiser ter o meu nome limpo na praça eu que trate de trabalhar e pagar. [...] Meu estilo de vida e a vida do meu filho mudaram completamente. Meu filho está fazendo terapia e eu preciso voltar a fazer, também, quando eu puder pagar, pois custa R\$ 200,00 por sessão (Entrevista concedida por Joana).

A evangélica divorciada enfrenta privações após a separação, pois, raramente, conta com algum apoio. Sua vida pessoal pouco interessa aos circunstantes. Tem de lutar praticamente sozinha para tentar reconstruir a própria vida. Mesmo esposas de pastores, quando enfrentam a separação conjugal, não recebem efetiva ajuda de suas igrejas, a não ser a parcela destinada aos carentes da igreja.

Meu estilo de vida mudou completamente, principalmente a parte econômica. Na parte financeira a mulher fica mais sofrida. Os amigos ficaram mais com o marido que com a esposa. Minha vida mudou, pois um esperto escolhe uma boba e não a deixa trabalhar, nem ser independente financeiramente para não cair fora do relacionamento doentio. Eu não trabalhava fora; então a minha vida e a dos meus filhos também mudou completamente. Nós passamos fome. Fomos acudidos pela família; minha mãe acudiu, uma amiga fazia a feira, um irmão ajudava e assim íamos vivendo. Não pagávamos o condomínio e a situação ia sendo empurrada para frente até irmos superando (Entrevista concedida por Vânia).

Minha vida mudou e a de meus filhos mudou muito. Para começar, não tínhamos dinheiro para pagar o condomínio ou um curso de inglês, por exemplo. Só não passamos fome porque tínhamos familiares que cuidavam de nossas necessidades básicas para sobrevivermos (Entrevista concedida por Maria).

As igrejas, segundo as entrevistadas, não dão o apoio emocional devido aos necessitados e, particularmente, às mulheres separadas. Queixam-se de que o discurso oficial não condiz com a prática, quando mais necessitam de socorro. Ocasionalmente, a ajuda provém

de uns poucos familiares ou amigos, mas não da igreja como instituição.

Depois que me separei nenhum crente ou qualquer outra pessoa do meu relacionamento de amizade ou de trabalho veio à minha casa. O telefone não tocou. Ninguém ligou para fazer um convite. Eu e o meu filho estamos vivendo isoladamente, sem nenhuma assistência da família ou da igreja. Até a única irmã que tenho não tem falado comigo, por causa do meu cunhado ter ficado atolado em dívidas, por ter avalizado meu ex-marido. [...] Sinto-me solitária; tenho amigas evangélicas de quando eu era casada. Elas não me chamam mais e, quando eu era casada elas me chamavam. Todo ser humano tem suas falhas, e por isso eu não me magôo com elas. Tenho solidão. Não tenho amizades novas e também não tenho podido sair, por causa dos problemas financeiros e por causa do meu filho pequeno, que precisa da minha companhia depois que chego do trabalho (Entrevista concedida por Alessandra).

Consciência de liberdade

Para boa parte das entrevistadas, a consciência da liberdade aguçou-se com a gradual superação do trauma da ruptura do casamento e, conseqüentemente, pelo fato de terem rompido com cônjuges violentos e opressores. Ora, “para o cristianismo, toda liberdade é um dom de Deus, não é inerente ao indivíduo e não é fonte de direitos” (ROSADO-NUNES, 2008, p. 71). Sendo assim, é natural àquelas que professam a fé evangélica a adoção de uma nova consciência de liberdade, após o divórcio.

O drama vivido pela entrevistada Consuelo e seus filhos, em razão da violência de um ex-marido viciado em drogas, foi brutal. Consuelo declara que o divórcio trouxe-lhe alívio; contudo, por outro lado, sentimentos como medo do futuro, ansiedade, amargura, sensibilidade extrema, confusão e, por fim, depressão. Com o apoio da família, mudou-se de Londrina para Brasília, a fim de fugir do alcance de seu ex-marido abusivo.

Cano, citando Wagner e Féres-Carneiro, corrobora com o depoimento da entrevistada Consuelo, ao concluir que o divórcio, em alguns

casos, tende a ser benéfico, quando o ambiente de origem é gerador de conflitos entre os membros da família.

Com o passar do tempo, o divórcio pode ser benéfico para os membros da família, que percebem uma melhora na qualidade de vida, tanto dos ex-cônjuges como dos filhos. Assim como, passada a crise inicial, os ex-cônjuges tendem a valorizar a sua liberdade, os sentimentos de autovalorização e autonomia (WAGNER; FÉRES-CARNEIRO *apud* CANO, 2009).

A consciência da liberdade da mulher evangélica divorciada também pode afastá-la de outros relacionamentos amorosos, principalmente, com um membro de sua igreja. “Sinto-me mais livre do que nunca, mas não quero compromisso [relacionamento] na igreja” (Entrevista concedida por Leandra).

A influência da sociedade

Uma vez divorciada, a mulher evangélica vê-se obrigada a exercer sozinha a função de liderança da família, sem qualquer ajuda de terceiros. Caberá a ela todas as responsabilidades da administração de sua família. Ela assume responsabilidades que antes eram, mal ou bem, compartilhadas com o cônjuge. Cerca de 25% das mulheres no Brasil exercem a liderança da família e lutam para suprir a ausência de pais, muitas vezes, irresponsáveis.

Há uma influência da sociedade sobre a mulher descasada. É como se os homens pensassem que elas são mulheres para programas eventuais, sem compromisso. Os colegas de trabalho se aproximam como se pudessem ter mais liberdade conosco - as descasadas -, do que com as casadas. O ponto positivo [da separação] é que a sociedade nos faz repensar a nossa postura frente à vida. Meu estilo de vida mudou completamente, não em função da sociedade; foi em função da dissolução (sic) do meu casamento. Quando meu marido me comunicou que estava apaixonado pela mulher da vida dele, paixão que durou três meses, tivemos que vender nossa casa, e eu tive que pagar o aluguel. Meus filhos mudaram de vida, o rendimento na

escola caiu muito, mas ainda dava para agüentar as pressões da vida. [...] Tive que enfrentar a realidade da vida, com o pé no chão, e continuar trabalhando, compreender que não poderia esperar nada de ninguém (Entrevista concedida por Adriana).

A influência da sociedade foi muito forte para me colocar pra baixo e me colocar como uma mulher sem valor no sentido abusivo. Quando eu saía com meus colegas de trabalho para lanche, alguns deles me chamavam para ir para o motel ou para pegar um cineminha como se eu fosse um objeto de consumo deles. Tive de colocar limites nestas pessoas. O fato de ser bem expansiva, e de ser sempre atenciosa com as pessoas não queria dizer que elas poderiam tomar liberdade comigo. Eu saía para namorar e também para transar, mas com pessoas que eram os meus namorados, pois eu tinha carência e cedia à pressão destes namorados. [...] O ponto positivo da influência da sociedade é: ao mesmo tempo em que pressiona, nos desafia para crescer, e isto nos ajuda a ficar esperta para reagir contra ela mesma, e levantar a cabeça, e continuar a luta da vida sem entregar os pontos (Entrevista concedida por Débora).

O mito do “perigo iminente”

A discriminação, velada e sutil, imposta às mulheres evangélicas divorciadas é uma consequência direta da insegurança inerente a casamentos de fachada. Tal atitude é inconcebível na igreja – o corpo de Cristo. Comportamentos e atitudes farisaicos inadmissíveis, geralmente contam com a leniência ou negligência das lideranças da igreja. As divorciadas nas igrejas evangélicas tendem a ser tratadas à distância pelas mulheres casadas, como uma forma de manter os respectivos maridos sem contato com a divorciada. Para tanto, algumas divorciadas entrevistadas declararam terem sido alvo de comentários maliciosos. Ora, os conflitos interpessoais advindos do “perigo iminente” também podem assumir diversas formas de expressão “variando do exemplo extremo, ataque físico a formas mais veladas, como a maledicência” (LEME, 2004, p.368).

Sinto que sou tratada como se eu fosse um perigo iminente para

algumas cristãs casadas. Eu te pergunto: me dê um exemplo de quem são os convidados, quando vai ter um culto em ação de graças na casa de algum casal da Igreja? Eu te afirmo que eu nunca fui convidada, pois os convidados são os outros casais e seus filhos (Entrevista concedida por Valéria).

É verdade, a descasada pode ser um perigo iminente para os casais da igreja e também no mundo fora da igreja (Entrevista concedida por Maria).

Segundo a percepção das entrevistadas, o preconceito existe sobretudo entre pessoas imaturas e despreparadas, pois (de acordo com elas) esse preconceito não é uma característica de outros membros das igrejas, com os quais dizem contar, de alguma forma, para reestruturarem suas vidas. As pessoas mais preparadas apóiam-nas, não as discriminam em razão de seus casamentos rompidos.

Contudo, considerá-las um “perigo iminente” é uma forma de estigmatizá-las e tentar afastá-las da igreja, na contramão dos mais elementares princípios cristãos.

Auto-imagem da mulher divorciada

As entrevistadas declararam que sua auto-imagem é diminuída após a dissolução do casamento. Sentimentos de dependência financeira ou emocional, de incapacidade ou de pânico foram constantes para a maioria das mulheres após a dissolução do casamento.

A vivência da depressão e do sentimento de abandono neutraliza o temor da morte física, pois, em sua percepção, a ruptura do casamento significava simbolicamente a própria morte. A partir desse momento muitas passam a reagir e a procurar uma solução para a situação de impasse. Com o passar do tempo, a reação afeta a reconfiguração positiva da auto-imagem e as possibilidades de reinserção social em todos os níveis.

Minha auto-imagem foi afetada um pouco, mas isto passou. Com o tempo... Eu já me recuperei da dor da traição, do abandono, da raiva, da circunstância sem entender como aconteceu comigo, pois

minha vida foi para o ralo; eu dava mais valor ao marido que a mim mesma (Entrevista concedida por Marilda).

Minha auto-imagem foi afetada, mas eu tinha um orgulho saudável que me ajudou muito a reagir. Sempre fui uma mulher pacífica e sempre aceitei as coisas que vinham pra mim. Quando percebi que tinha duas filhas pequenas pra criar, aluguel para pagar, eu mudei de comportamento dando um basta ao romance extraconjugal do pai das minhas filhas, e quando ele pediu o divórcio eu disse que só seria no litigioso, como realmente foi. Minha auto-imagem foi afetada sim, mas com a ajuda de Deus fui sendo restaurada. Hoje meu “vale de Baca”¹, isto é, meu vale de lágrimas, já acabou e posso ter uma relação saudável com a igreja (Entrevista concedida por Ana Cláudia).

Eu me senti um lixo durante quinze dias. Chorei muito durante duas semanas. Li meus livros, ouvi meus cd’s. Escrevi cadernos inteiros de reflexões. Fiz auto-avaliação de mim mesma, dei nome a todas as pessoas da família, avalei a situação que vivi durante toda a minha vida, escrevi as mágoas. Perdoei-me, perdoei minha mãe, meu pai, meu ex-marido, e todas as pessoas envolvidas com minha vida. Fiz uma reavaliação de minha vida. Em três meses minha cabeça virou. Quando meu marido quis voltar e dialogar, conversamos muito e quando ele veio falar que nossos problemas eram as pessoas que não o aceitavam e blá, blá, blá, e não ele, e não eu e não nós dois; ali encerrei a abertura para uma reconciliação e toquei a minha vida. Tudo isto me aconteceu em quatro meses; então me dei alta da terapia. Houve uma mudança radical nos meus objetivos de vida. Então, a minha auto-imagem estava completamente afetada, mas fui me recuperando. Eu andava no parque da cidade, fui me cuidando até estar sarada (Entrevista concedida por Cristiane).

Observa-se no decurso da pesquisa que todas as entrevistadas, sem exceção, tiveram sua auto-imagem transformada após a separação.

O papel da igreja

As entrevistadas atribuem à igreja um papel fundamental de ressocialização e de cura espiritual. Para a maioria das entrevistadas, a igreja as apoiou, em alguma medida, no período de crise aguda. Declaram que uma boa relação, com pelo menos um dos líderes da Igreja, é fundamental para sentirem-se “pertencentes” ao corpo eclesialístico.

Não somente as jovens evangélicas divorciadas, como também as idosas, afirmaram terem procurado apoio emocional na família e na igreja. O eventual apoio recebido as estimulou a permanecerem na igreja da qual se tornaram membros, a despeito de várias dificuldades acima apontadas.

Apesar de afirmarem terem recebido algum apoio, a maioria das entrevistadas reclamara da falta de estrutura para socorrê-las, adequadamente.

A igreja não está preocupada com a reintegração não (sic); ela está preocupada consigo mesma. Ela está tão longe de ajudar as famílias... Não conheço um pastor que tenha as características e a capacitação de dar apoio terapêutico às famílias. Se for uma igreja rica, ela está preocupada em economizar. Se for uma igreja pobre ela está preocupada em pedir dinheiro e equilibrar suas contas. Não há aprendizado, há tradicionalismo. As pessoas entram e saem da igreja sem captar a palavra dada no púlpito; estão presentes fisicamente, mas não digerem a palavra que é alimento para a alma; não se interessam em ouvir de novo a mensagem do domingo para absorvê-la. A igreja conhece a letra e não a energia vital que dá vida a ela e que capacita mudança de vida. Estas pessoas são líderes que vão liderar outras pessoas, mas são árvores secas (Entrevista concedida por Viviane).

A igreja existe para socorrer as pessoas aflitas, o que, necessariamente, inclui as mulheres evangélicas divorciadas. Entretanto, paradoxalmente, a igreja que da qual dizem receber apoio, também as discrimina e segrega. São, antinomicamente, compreendidas e desqualificadas como um potencial perigo à estabilidade matrimonial da comunidade.

O que fazer para superar a frustração decorrente de comportamentos estimulados por um discurso retórico incongruente com a prática cristã?

Nota

¹ O “Vale de Baca” é uma referência a um vale citado no Salmo 84, no qual o salmista afirma que Deus transformou seu “Vale de Baca”, isto é, seu vale de lágrimas em uma Fonte. Cf. Salmo 84: 5-7.

Referências

CANO, Débora Staub *et. al.* As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicol. Reflex. Crit.*v.22, n.2, p. 214-222, 2009.

LEME, Maria Isabel da Silva. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicol. Reflex. Crit.* 2004, v.17, n.3, p. 367-380, 2004.

PECK, J. S.; MANOCHERIAN, J.. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar (Tradução de M. A. V. Veronese). In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2001. Original de 1980.

ROSADO-NUNES, Maria José. Direitos, cidadania das mulheres e religião. *Tempo soc.* v.20, n.2, p. 67-81, 2008.

SOUZA, Rosane Mantilla de. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psic.: Teor. e Pesq.* v.16, n.3, p. 203-211, 2000.

Abstract: divorced evangelical women face the usual tensions of marriage end. Additionally, the church, which was a welcoming place, tends to turn into rejecting place for them. Understanding the conflicts involving divorced women in an evangelical church environment may, partially, explain the dilemma of a surprising, absurd and unexpected rejection in a place supposed to be of communion and respect.

Keywords: *violence, divorce, church*

Recebido em 09 de junho de 2010.

Aprovado em 24 de junho de 2010.

* Doutor em Sociologia. Professor no Instituto de Ensino Superior de Goiás e pesquisador do Centro de estudos Avançados de Governo, da Universidade de Brasília. E-mail: samuelcosta1@yahoo.com.br

** Doutor em Sociologia. Professor no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

*** Mestre em Ciências da Religião. Professora na Faculdade Teológica Sul Americana, em Londrina-PR. Doutoranda em Teologia pela Universidad Evangélica de Las Américas, em Costa Rica.

**** Mestre em Teologia. Pesquisadora livre, em Brasília-DF.